ARTIGO

SOCIOLOGIA DO CONFLITO E SUAS QUESTÕES

SOCIOLOGÍA DEL CONFLICTO Y SUS PROBLEMÁTICAS

SOCIOLOGY OF CONFLICT AND ITS ISSUES

Hugo G. R. Emerick¹

RESUMO:

O presente artigo tem como objetivo apresentar os caminhos iniciais dos teóricos responsáveis por criar e difundir a Sociologia do conflito. Delimitando-o em relação à análise das motivações contrárias à perspectiva de Parsons, a Sociologia do conflito será apresentada ao debate no âmbito do campo sociológico e as principais motivações que levaram ao surgimento da Teoria que discute a inerência dos conflitos no interior das sociedades. Apresentando a análise de JOAS e KNÖBL acerca do debate sociológico nas décadas 1950 e 1960 sobre a emergência da Sociologia do conflito, este estudo pretende discorrer sobre os principais autores responsáveis por iniciar os estudos relacionados ao conflito.

PALAVRAS-CHAVE: Conflito; Sociologia; Sociedade.

RESUMEN:

Este artículo tiene como objetivo presentar los caminos iniciales de los teóricos responsables de crear y difundir la Sociología del conflicto. Acotándola en relación al análisis de las motivaciones contrarias a la perspectiva de Parsons, se presentará la Sociología del conflicto al debate dentro del campo sociológico y las principales motivaciones que llevaron al surgimiento de la Teoría que discute la inherencia de los conflictos al interior de las sociedades. Al presentar el análisis de JOAS y KNÖBL del debate sociológico de las décadas de 1950 y 1960 sobre el surgimiento de la

¹Mestrando em Sociologia Política pela Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro (UENF), Licenciado em História pelo Departamento de História do Instituto de Ciências da Sociedade e Desenvolvimento Regional da Universidade Federal Fluminense (campus Campos dos Goytacazes). Membro do Laboratório de Estudos das Direitas e do Autoritarismo (LEDA - UFF) e pesquisador das Linhas de Pesquisa: Patrimônio Cultural e Enquadramento de Lugares de Memória pela História Pública; Intelectuais; História Política e História Pública no Laboratório de Estudos da Imanência e da Transcendência (LEIT - UFF). Interesses nos estudos referente a Sociologia do Conflito, História Oral, Memória, Esquecimento e Ditadura Empresarial-Militar brasileira. Tem como recorte principal de pesquisa Memória dos marginalizados no período ditatorial brasileiro e o uso de espaço público privado como locus da repressão estatal da Ditadura.

Sociología del conflicto, este estudio pretende discutir los principales autores responsables de iniciar estudios relacionados con el conflicto.

PALABRAS CLAVE: Conflicto; Sociología; Sociedad.

ABSTRACT:

This article aims to present the initial paths of the theorists responsible for creating and disseminating the Sociology of conflict. Delimiting it in relation to the analysis of motivations contrary to Parsons' perspective, the Sociology of conflict will be presented to the debate within the sociological field and the main motivations that led to the emergence of the Theory that discusses the inherence of conflicts within societies. Presenting JOAS and KNÖBL's analysis of the sociological debate in the 1950s and 1960s regarding the emergence of the Sociology of conflict, this study intends to discuss the main authors responsible for initiating studies related to conflict.

KEYWORDS: Conflict; Sociology; Society.

1 - INTRODUÇÃO

Uma nova vertente da Sociologia surge em meados dos anos 1950, estimulada pela emergência de se questionar a perspectiva analítica de Talcott Parsons que se difundiu nos Estados Unidos e que, paradoxalmente, promoverá análises sociológicas que a contestaram. Os sociólogos críticos a Parsons questionavam a sua defesa da possibilidade de observação social sob o prisma da estabilidade funcional. A Sociologia do conflito surge em contraposição à caracterização parsoniana da estabilidade social, demonstrando que as relações de poder e os conflitos no interior da construção social são inerentes. Utilizando como pilar principal na construção da teoria sociológica de seus seguidores o próprio “conflito”, reforçava-se a divergência dos conceitos que Parson e seus seguidores defendiam.²

2 - A SOCIOLOGIA DO CONFLITO

A sociologia do conflito foi, na década de 1960, um importante arcabouço teórico para movimentos sociais que se posicionaram contra as estruturas sociais do

² JOAS, H; KNÖBL, W. Teoria Social : vinte lições introdutórias. Petrópolis: Rio de Janeiro: Vozes, 2017. 649. Coleção Sociologia. p. 198.

Ocidente³. Com questionamentos contrários à Sociologia de Parsons tomando proporções, isto fez com que o sociólogo se manifestasse, afirmando que havia sido incompreendido, uma vez que não negava o conflito como um dos pilares fundamentais para movimentação da sociedade, mas se voltava à hipótese de ordem como ponto de partida para o entendimento social.

A Sociologia do conflito foi caracterizada como sem fundamento por Parsons e seus seguidores, já que segundo os mesmos, os sociólogos do conflito não entendiam de fato o que Parsons se dispunha a estudar, o que se manifestou como uma falácia no decorrer do tempo, já que o trabalho que Parsons, apesar de possuir um elevado nível teórico, em alguns casos até superior a de seus críticos, o seu arcabouço teórico era incompleto para que fosse entendida a natureza dos conflitos⁴. Em meio as discordâncias entre os parsonianos e seus críticos, a Sociologia do conflito se estabeleceu como subdisciplina no quadro geral da Sociologia, empenhada na compreensão dos conflitos dentro da sociedade.

O sociólogo Robert Merton foi um dos primeiros a utilizar das teorias parsonianas como ponto de partida para modular a narrativa da teoria do conflito, mas sem romper de forma incisiva com a teoria estrutural-funcionalista⁵. Posicionamento diferente do sociólogo Lewis Coser que se posicionou contrário aos funcionalistas, que interpretavam os conflitos como fenômenos psicologicamente determinados, por vezes comparados a “doenças”, já que nos entendimentos dos funcionalistas o *status quo* social se caracterizava como algo normal ao corpo social. Assim sendo, considerar-se-iam anomalias as questões conflituosas, tratando como natural o *status quo* estabelecido e considerando os conflitos como patologias sociais e problemas de adaptações individuais⁶.

Parsons, tal qual os outros funcionalistas, não se interessavam pelos desdobramentos da teoria do conflito, por serem adeptos da tese durkheimiana, que defende a ideia da sociedade que, a partir de sua criação, passaria a funcionar independente dos indivíduos sociais, de modo que a sociedade se estabelece

³ JOAS, H; KNÖBL, W. Teoria Social : vinte lições introdutórias. Petrópolis: Rio de Janeiro: Vozes, 2017. 649. Coleção Sociologia. p. 197.

⁴ JOAS, H; KNÖBL, W. Teoria Social : vinte lições introdutórias. Petrópolis: Rio de Janeiro: Vozes, 2017. 649. Coleção Sociologia. p. 198.

⁵ JOAS, H; KNÖBL, W. Teoria Social : vinte lições introdutórias. Petrópolis: Rio de Janeiro: Vozes, 2017. 649. Coleção Sociologia. p. 199.

⁶ JOAS, H; KNÖBL, W. Teoria Social : vinte lições introdutórias. Petrópolis: Rio de Janeiro: Vozes, 2017. 649. Coleção Sociologia. p. 199.

exteriormente às iniciativas individuais. sendo a função do homem apenas a criação do modelo social que em seu desdobramento desenvolveria uma dinâmica própria, “ sociedade é uma realidade *sui generis*: os homens passam, mas a sociedade fica” (Sell, 2006).

Durkheim considerava a importância na força social diante da vida de cada cidadão, defendendo que a individualidade dos sujeitos é uma construção social, “este tipo de abordagem do social está presente em diversos autores posteriores da sociologia, por vezes, recebem nomes diferenciados como, estruturalismo, estruturalismo, sistemismo e outras variantes” (Sell, 2006), Sobre esta influência durkheimiana, Parsons baseia sua tese.

Lewis Coser que se posicionava à esquerda politicamente de Parsons, criticou exatamente a utilização de Durkheim como única teoria capaz de explicar as interações sociais, por defender abertamente as ideias socialistas, não conseguia aceitar as ideias de mundo estático defendido pelos estruturalistas. Para além das questões políticas o que afastou Coser de Parsons e das teorias durkheimianas, a questão cultural exerceu grande influência em sua construção teórica. Coser, fortemente influenciado por Georg Simmel, um dos fundadores da sociologia alemã e responsável por construir a tese que, entendendo os conflitos que permeavam o século XX enquanto processo social dinâmico no qual o conflito é inerente, sem que se considerasse como algo negativo ou ameaçador à sociedade⁷.

Na obra *Georg Simmel: Sociologia*, o autor dedica espaço para falar sobre a sociologia do conflito e sua influência na construção social. Em suas primeiras colocações sobre o tema, Simmel (1983) inicia sua narrativa trazendo a questão que já foi dito anteriormente, sobre a importância sociológica do conflito, admitindo que o conflito produz ou modifica grupos e organizações⁸. Simmel inicia defendendo o conflito como sociação, já que toda interação humana é uma sociação, o conflito não poderia estar fora desta definição.

O conflito está assim destinado a resolver dualismos divergentes: é um modo de conseguir algum tipo de unidade, ainda que através da aniquilação de uma das partes conflitantes. Isso é aproximadamente paralelo ao fato do mais violento sintoma de uma doença ser o que representa o esforço do

⁷JOAS, H; KNÖBL, W. Teoria Social : vinte lições introdutórias. Petrópolis: Rio de Janeiro: Vozes, 2017. 649. Coleção Sociologia. p. 200.

⁸ Morais Filho (org.). Georg Simmel: Sociologia. São Paulo: Ática, 1983. p. 122.

organismo para se livrar dos distúrbios e dos estragos causados por ele.(Simmel, 1993. p. 123)

Dentro das questões trazidas pelo autor, uma expressão interessante para se pensar a questão do conflito é *si vis pacem para bellum*, ou seja, se quiser a paz, se prepare-se para a guerra⁹. Fica evidente após a leitura da obra, que a paz e a guerra ou o conflito, estão interligados, “a síntese de elementos que trabalham juntos, tanto um contra o outro, quanto um para o outro” (Simmel, 1993). Para Simmel o conflito possui pontos positivos e negativos, inseparáveis em sua performance de modificação dentro da sociedade, trazendo importância até para o que seria “negativo”, no entanto, o autor delimita a indiferença como verdadeira vilã na interação entre os sujeitos.

A interação entre os indivíduos e o entendimento entre essa troca, constrói o que chamamos de Sociologia. Partindo da premissa de que a Sociologia é constituída pelo relacionamento dos indivíduos, não faz sentido que a ciência do homem se dedique apenas aos estudos da “unidade dos indivíduos e unidade formada pelos indivíduos, a sociedade” (Simmel, 1993). Por um vasto período a ciência do homem se fechou nestas duas máximas, indivíduo e sociedade, sendo inviável pensar em uma terceira questão, principalmente se for o conflito, já que para muitos o conflito seria o colapso da unidade criada¹⁰. No entanto Simmel defende que esta unidade não pode ser formada e mantida sobre uma paz plena, “a contradição e o conflito, ao contrário, não só precedem esta unidade como operam em cada momento de sua existência” (Simmel, 1993).

Assim como o universo precisa de “amor e ódio”, isto é de forças de atração e de forças de repulsão, para que tenha uma forma qualquer, assim também a sociedade, para alcançar uma determinada configuração, precisa de quantidades proporcionais de harmonia e desarmonia, de associação e competição, de tendências favoráveis e desfavoráveis. (Simmel, 1993. p. 123).

Simmel (1993), discute a importância do conflito como força integradora dos indivíduos, utilizando a relação entre casais para defender a tese: para que os sujeitos se mantenham conectados é necessário que exista uma quantidade correta de discordância, capaz de produzir interesse e movimento entre os pares. O conflito

⁹ Morais Filho (org.). Georg Simmel: Sociologia. São Paulo: Ática, 1983. p.123.

¹⁰ Morais Filho (org.). Georg Simmel: Sociologia. São Paulo: Ática, 1983. p.123.

entre casais não está diretamente ligada ao fracasso conjugal, e sim ao que o autor chama de “*modus vivendi suportável*” (Simmel, 1993).

Casamentos não são “menos” casamento pela quantidade de conflito que contêm; ao contrário, a partir de tantos outros elementos - entre os quais há quantidade inevitável de conflito - evoluíram para as unidades definidas e características que são. (Simmel, 1993. p. 126)

O autor segue defendendo que a ausência de conflito na vida social não significa, uma existência plena, inexistente de rupturas e controvérsia entre os sujeitos.

O desaparecimento de energias de repulsão (e, isoladamente consideradas, de destruição) não resulta sempre, em absoluto, numa vida mais rica e mais plena (assim como o desaparecimento de responsabilidades não resulta em maior propriedade), mas num fenômeno tão diferente e irrealizável quanto se um grupo fosse privado das forças de cooperação, a feição, ajuda mútua e convergência de interesses. Isto não é válido somente para a competição em geral, que determina a forma do grupo, as posições recíprocas de seus resultados objetivos; isto é válido também onde o grupo se baseia nas atitudes de seus membros. (Simmel, 1993. p. 126-127) .

Conser, após a leitura da teoria de Simmel, caracteriza os conflitos como uma válvula de escape¹¹ no contexto social, além de reforçar a tese de que uma sociedade ausente de conflito não corresponde com a realidade. Defendendo o conflito como engrenagem para que a sociedade se movimente, modificando seu estado presente em busca de uma realidade melhor.

A ausência de conflitos em si não nos diz nada sobre a estabilidade de um sistema social: a falta de conflitos pode apontar para tensões subliminares, que podem entrar em erupção em um ponto posterior de forma descontrolada. Em outras palavras, se os conflitos são resolvidos de maneira aberta, este pode muito bem ser um sinal de estabilidade. (JOAS, H; KNÖBL, W. 2017, p. 201).

A partir desta passagem, Conser afirma que sociedades incapazes de reconhecer e legitimar os conflitos, entendendo que através dele existe a potência de avanço e crescimento da sociedade, estão fadadas à inexistência. Diferentemente de sociedades onde a manifestação dos conflitos pode acontecer de forma explícita e tratada com respeito, pode desencadear processos de amadurecimento e aprendizagem social, modificando antigos baluartes e até mesmo instituições. Graças a Conser e sua publicação *The Functions of Social Conflict*, a

¹¹ JOAS, H; KNÖBL, W. Teoria Social : vinte lições introdutórias. Petrópolis: Rio de Janeiro: Vozes, 2017. 649. Coleção Sociologia. p. 200.

Sociologia do conflito se posiciona diretamente contra as teorias funcionalista de Parsons e seus pares, tornando-se uma teoria independente¹².

A Sociologia do conflito chega nas Américas, especificamente nos Estados Unidos, por volta de 1938 com o futuro sociólogo Reinhard Bendix imigrante judaíco-alemão, influenciado diretamente por Karl Marx, e considerando lacunas teóricas no âmbito da teoria marxiana, recorre a Alexis de Tocqueville e principalmente a Max Weber com auxílio teórico¹³.

Bendix apesar de usar Marx como um dos seus principais teóricos, não deixou de elencar suas discordâncias com a teoria marxista. A grande crítica feita a Marx se pautou pelo que considerava reducionismo dos conflitos ao “conflito de classe”, Bendix defende a tese que, existem variantes incontáveis de conflitos que são responsáveis por construir e modificar a sociedade, e reduzir essas variantes a um tipo de conflito faz com que sejam esquecidas essas variantes.

A história de todas as sociedades até hoje existentes é a história das lutas de classes. Homem livre e escravo, patrício e plebeu, senhor feudal e servo, mestre de corporação e companheiro, em resumo, opressores e oprimidos, em constante oposição, têm vivido numa guerra ininterrupta, ora franca, ora disfarçada; uma guerra que terminou sempre em ou por uma transformação revolucionária da sociedade interna, ou pela destruição das duas classes em conflito (MARX e ENGELS, 2010, p. 40).

Nota-se, com esta passagem, que Bendix entendia que Marx e seu companheiro Engels compreendiam os conflitos de classe como dicotômica em relação à oposição entre apenas duas classes: o proletariado e a burguesia, em constante conflito. Para Bendix, as teorias marxistas são “interessantes”, não havendo desta forma um rompimento com os ideais teóricos, mas sim um melhoramento através da fusão de outros teóricos e um resgate das ideias sociológicas de Marx, através do próprio Marx e de seus seguidores¹⁴.

Não devemos (...) abandonar a visão genuína que torna a teoria marxista atraente: a de que os muitos antagonismos criados em uma sociedade e, especialmente, os conflitos inerentes à sua estrutura econômica podem, mas não precisam, dar origem a uma ação coletiva, e que é a tarefa do

¹² JOAS, H; KNÖBL, W. Teoria Social : vinte lições introdutórias. Petrópolis: Rio de Janeiro: Vozes, 2017. 649. Coleção Sociologia. p. 201.

¹³ JOAS, H; KNÖBL, W. Teoria Social : vinte lições introdutórias. Petrópolis: Rio de Janeiro: Vozes, 2017. 649. Coleção Sociologia. p. 202.

¹⁴ JOAS, H; KNÖBL, W. Teoria Social : vinte lições introdutórias. Petrópolis: Rio de Janeiro: Vozes, 2017. 649. Coleção Sociologia. p.202.

analista descobrir as circunstâncias em que a ação coletiva surge ou não. Acredito que Marx perdeu sua visão genuína na indeterminação da relação entre a situação de classe e de ação de classe por seu fervor profético, o que o levou a prever o desenvolvimento do capitalismo com uma certeza, muitas vezes, desmentida por seu próprio sentido histórico. (“Social Stratification”, p.600).

De acordo com Bendix a situação de classe e a ação de classe; a ação coletiva de grupos e a ação política individual são independentes da situação de classe proposta por Marx¹⁵, sendo contrárias à perspectiva da teoria marxista, de que a movimentação da sociedade é determinada. Reinhard defendia que os conflitos são moldados por “condições locais, antecedentes históricos, a intensidade da crise” (“Social Stratification”, p.602).

Entende-se o autor como um crítico à concepção marxistas da História, “adotando uma visão de Marx sobre a importância dos conflitos para os processos históricos” (21 lições - 203). Muitos estudiosos dos conflitos usaram a teoria de Bendix para criticar o pensamento parsoniano. Diferente de Parsons, que acreditava que as mudanças sociais ocorriam de forma linear e com alguma espécie de ordem, Bendix defendia que na verdade essas mudanças eram resultado de grandes conflitos.

Mesmo Bendix desempenhando um papel significativo na construção da “sociologia do conflito”, em determinado período o sociólogo identificou que estava faltando utilizar um dos maiores teóricos que viria a se tornar referência dos sociólogos do conflito, Max Weber.

De fato, das figuras clássicas da sociologia, Max Weber viria a ser o autor de referência para um grande número de teóricos do conflito. Enquanto Durkheim, por exemplo, recebeu severas críticas e até foi encarado com desprezo dentro desta tradição (...), o trabalho de Weber parecia um ponto de partida adequado para atacar tanto o marxismo quanto o estrutural-funcionalismo. Isso, no entanto, foi um Weber muito diferente daquele que Parsons tinha apresentado (...).(JOAS, H; KNÖBL, W. 2017, p. 203).

Para que a Sociologia do conflito seja entendida de uma forma mais ampla e coesa, deve-se observar mais de perto as teorias que Weber desenvolveu no que tange à Sociologia da dominação, Bendix as utilizou para criticar o utilitarismo. Parsons apresentou Weber ao mundo e principalmente aos Estados Unidos, através

¹⁵JOAS, H; KNÖBL, W. Teoria Social : vinte lições introdutórias. Petrópolis: Rio de Janeiro: Vozes, 2017. 649. Coleção Sociologia. p. 202.

da Sociologia da Religião, limitando Weber a este campo. Mas é neste momento em que o mundo descobre uma nova faceta do autor, que o “ataque” teórico aos parsonianos aumenta de forma significativa.

Mesmo que de forma tardia, nos cabe aqui cravar as definições do que é a Sociologia segundo Weber, para que seja possível seguirmos até a “Sociologia da dominação” e assim nos aprofundar sobre como Bendix utilizou-a na defesa da sociologia do conflito.

Sociologia (no sentido aqui entendido desta palavra empregada com tantos significados diversos) significa: uma ciência que pretende compreender interpretativamente a ação social e assim explicá-la casualmente em seu curso e seus efeitos. Por “ação” entende-se, neste caso, um comportamento (tanto faz tratar-se de um fazer externo ou interno, de omitir ou permitir) sempre que na medida em que o agente ou os agentes o relacionem com um sentido subjetivo. Ação “social” por sua vez, significa uma ação que, quanto a seu sentido visado pelo agente ou os agentes, se refere ao comportamento de outros, orientando-se por este em seu curso. (Weber, 1972. p.3)

Weber, define de forma coesa o sentido da Sociologia e os motivos pelos quais deve-se levar em conta sua importância na construção de uma sociedade ciente de si própria. Já que o estudo da Sociologia possui como meta analisar e entender as interações sociais e seus resultados na unidade, o conflito não poderia ficar de fora desta análise, no entanto, por um período este segmento não foi levado em consideração inclusive por teóricos como Weber.

Apesar de o termo “Sociologia do conflito” não aparecer de forma definida na obra do autor, em seu livro *Economia e Sociedade (volume 1)*, Weber aborda a Sociologia da dominação.

Poder significa toda probabilidade de impor a própria vontade numa relação social, mesmo contra resistências, seja qual for o fundamento dessa probabilidade.

Dominação é a probabilidade de encontrar obediência a uma ordem de determinado conteúdo, entre determinadas pessoas indicáveis; disciplina é a probabilidade de encontrar obediência pronta, automática a uma ordem, entre uma pluralidade indicável de pessoas, em virtude de atividades treinadas. (Weber. 2000, p 33).

Esta construção teórica sobre a dominação, pavimentou e serviu de base para que Bendix e outros sociólogos aprofundassem suas teses sobre o conflito, criticando principalmente os parsonianos. Como Bendix, os dois autores responsáveis por difundir a sociologia do conflito na Grã-Bretanha, David Lockwood

e John Rex utilizaram da teoria da dominação de Weber para também criticar os seguidores de Parsons e também criticar a teoria de Marx. Pode-se dizer que os três teóricos acreditavam que o conflito não estava ligado diretamente com as questões econômicas, como Marx desenha em suas obras.

Weber foi responsável por defender a teoria de que os conflitos ultrapassam as questões econômicas, podendo estar ligada com diferentes frentes da sociedade, nascendo conflito por conta de poder, entrando em conflitos com forças militares e políticas, por conta da religião e outros inúmeros casos.

Tal qual Bendix, Lockwood e Rex, apesar de criticarem Marx pelo que consideram reducionismo, defendem constantemente que sua obra é fundamental para se pensar a Sociologia do conflito como saída do utilitarismo¹⁶.

Dentre os autores trazidos aqui, o responsável por defender de forma mais enfática a teoria do conflito, foi o alemão Ralf Dahrendof, filho de um líder social-democrata e resitente antifascista, que despontou na Sociologia por possuir abordagem diferente das difundidas até então. Dahrendof desenvolveu críticas fortes ao estrutural-funcionalismo de Parsons primeiro que Lockwood e Rex, influenciando diretamente os britânicos.

Dahrendof acreditava que a teoria marxista de classe seria capaz de suprimir as ideias de Parsons, sendo modificada e incorporada com a teoria de outros teóricos. É possível notar que todos os autores aqui apresentados entendiam a importância de Marx para o fundamento da Sociologia do conflito, mas compreendiam a existência de lacunas que necessitariam ser complementadas em sua teoria.

Para Dahrendof, tal qual Weber, a Sociologia possui dois conceitos básicos: poder e dominação, defendendo a teoria que onde existe dominação os homens estão sujeitos a ela e desta forma, onde existe dominação, o conflito é inerente. Ralf defende ainda que a teoria do conflito é a mais “convincente e o futuro pertence a ela”(21 lições - p. 208).

O que precisamos para a explicação dos problemas sociológicos são tanto os modelos de equilíbrio quanto de conflito social (...), a sociedade tenha duas faces de realidade igual: uma de estabilidade, harmonia e consenso, e uma de mudanças, conflitos e constrangimentos. (“Out of Utopia”, p 127)

¹⁶ JOAS, H; KNÖBL, W. Teoria Social : vinte lições introdutórias. Petrópolis: Rio de Janeiro: Vozes, 2017. 649. Coleção Sociologia. p.205.

3 - CONSIDERAÇÕES FINAIS

A abordagem sobre os principais autores responsáveis por difundir a teoria do conflito entre 1950 e 1960 foram consideradas compreendendo a diversidade teórica deste campo sociológico. Não possuindo unidade teórica, ou responsável por conduzir os seguidores de tal teoria, muito menos um texto responsável pode defender a tese, pode-se dizer que Max Weber foi certamente o autor de maior referência aos sociólogos do conflito, embora Georg Simmel possuir um papel indispensável na construção teórica, e Karl Marx que apesar das lacunas consideradas em suas teorias, teve suas ideias difundidas entre os seguidores da Sociologia do Conflito. Desta forma, as divergências podem, também, ser compreendidas no âmbito do conflito teórico que se coadunam no domínio da Sociologia do conflito, no qual a incorporação das teorias weberianas se tornaram indispensáveis

Entende-se que toda esta movimentação no campo sociológico só foi possível através das críticas produzidas ao pensamento utilitarista de Parsons e seus seguidores, ou seja, a teoria do conflito nasce também de um conflito teórico e metodológico, exemplificando como esta nova vertente da sociologia por si só válida o que todos os autores aqui citados explanam em seus textos.

4- REFERÊNCIAS

JOAS, H; KNÖBL, W. **Teoria Social: vinte lições introdutórias**. Petrópolis: Rio de Janeiro: Vozes, 2017. 649. Coleção Sociologia.

MARX, Karl e ENGELS, Friedrich. **Manifesto Comunista**. São Paulo: Boitempo Editorial, 2005.

MARX, Karl. **18 de Brumário de Luís Bonaparte**. São Paulo: Boitempo Editorial, 2011.

MORAIS FILHO (org.). **Georg Simmel: Sociologia**. São Paulo: Ática, 1983.

WEBER Max. **Economia e Sociedade: fundamentos da sociologia compreensiva**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2000.